

SEXUALIDADE E MASCULINIDADES NEGRAS NO DISCURSO

CINEMATOGRAFICO: Little, Chiron e Black em Moonlight – sob a luz do luar

Samilo Takara

Resumo: Este artigo se inscreve nas problematizações da cultura negra nos processos educativos: narrativas, modos ser e suas complexidades. Embasados por esta perspectiva e alinhados as condições discursivas que o cinema nos permite problematizar, questionamos: de que modo o filme Moonlight: sob a luz do luar propaga um discurso acerca da sexualidade para a masculinidade negra? No intuito de produzir discussões sobre este problema de pesquisa, o objetivo geral deste ensaio é investigar as lógicas discursivas que produzem às sexualidades das masculinidades negras por meio dos endereçamentos. Desse modo, este texto organiza-se em três objetivos específicos: apresentar a pedagogia da masculinidade que incide sobre os corpos de meninos/homens negros, discutir a perspectiva da sexualidade sobre os corpos masculinos e problematizar as oportunidades de representações e identidades de homens gays negros por meio do endereçamento da narrativa cinematográfica. Compreendemos que as identidades masculinas negras são forjadas nas interações entre as relações raciais, de gênero, de sexualidade e culturais que prescrevem modos de ser e de agir para o homem negro, assim, este estudo propõe perceber a intersecção gênero, sexualidade e raça para problematizar as masculinidades homossexuais negras possíveis.

Palavras-chave: Mídias na Educação. Estudos Culturais. Sexualidades. Negritudes. Homofobia.

Abstract: his article is part of the problematizations of black culture in the educational processes: narratives, ways to be and their complexities. Based on this perspective and aligned with the discursive conditions that cinema allows us to problematize, we ask: how does the movie Moonlight: in the light of the moon propagate a discourse about sexuality to black masculinity? In order to produce discussions about this research problem, the general objective of this essay is to investigate the discursive logics that produce the sexualities of the black masculinities through the addresses. Thus, this text is organized into three specific objectives: to present the masculinity pedagogy that focuses on the bodies of black boys and men, to discuss the perspective of sexuality on the masculine bodies and to problematize the opportunities of representations and identities of black gay men through the addressing of the cinematographic narrative. We understand that black male identities are forged in the interactions between race, gender, sexuality and cultural relations that prescribe ways of being and acting for the black man, so this study proposes to perceive the intersection of gender, sexuality and race to problematize the possible black homosexual masculinities.

Keywords: Media in Education. Cultural Studies. Sexualities. Negritudes. Homophobia.

INTRODUÇÃO

Este texto discute os discursos sobre a sexualidade expressos nos modos de endereçamento do filme *Moonlight: sob a luz do luar* (2017) que é uma direção de Barry Jenkins e tem 111 minutos. Caracterizado como Drama, este produto midiático conta a história de Chiron. Um menino negro que na narrativa filma é apresentado diferente dos outros, ao ponto de ser perseguido por outros que querem o agredir fisicamente e o chamam de viadinho. O personagem tem que lidar, no decorrer de seu crescimento, com a questão da sexualidade, a violência do bairro que vive, a dependência química da mãe e com os afetos e efeitos de ser um corpo negro que é lido fora de uma masculinidade negra padrão

Assim, este artigo tem como problema de pesquisa: de que modo o filme *Moonlight: sob a luz do luar* propaga um discurso acerca da sexualidade para a masculinidade negra? O objetivo geral é investigar as lógicas discursivas que produzem às masculinidades negras por meio dos endereçamentos acerca das

sexualidades. Desse modo, este texto organiza-se em três objetivos específicos: apresentar a pedagogia da masculinidade que incide sobre os corpos de meninos negros, discutir a perspectiva da sexualidade sobre os corpos masculinos e problematizar as oportunidades de representações e identidades de homens gays negros por meio do endereçamento da narrativa cinematográfica.

A discussão teórica que sustenta essa argumentação são os Estudos Culturais, as teorizações foucaultinas e a crítica *queer*. Essas vertentes teórico-políticas são orientadas pela proposição de uma análise problematizadora da contemporaneidade por meio de diferentes narrativas como as produções cinematográficas como este texto intenta. Assim, o referencial teórico embasa a dimensão da representação e como ela educa os modos de ser e agir por meio do discurso midiático que endereça possibilidades de ver-se no mundo.

Para desenvolver este estudo, optamos por uma abordagem qualitativa, no intuito de explorar os elementos que compõem e localizam a obra cinematográfica e seus impactos e reverberações dos discursos contemporâneos. Desse modo, foram escolhidos os métodos bibliográfico e documental para analisar o discurso que está presente na dimensão teórico-política que nos orienta.

Desse modo, estas perspectivas possibilitam um tratamento analítico acerca dos discursos que os personagens de *Moonlight* (2017) expressam. As diferentes leituras sugerem uma analítica no intuito de apresentar e discutir as pedagogias da masculinidade e da sexualidade ensinadas ao personagem analisado como modos de endereçamento que inscrevem modos de representar a homossexualidade de homens negros e que geram modos de entender-se no mundo.

Pequeno e a Pedagogia da Masculinidade

“Você é estranho!”, disse Kevin. “Por quê?”, responde Chiron. “Porque você é. Não deixem que te encham o saco” (*MOONLIGHT*, 2017). Essa constatação do amigo do pequeno Chiron é uma das representações que se inscrevem na narrativa cinematográfica que é apresentado pelo filme *Moonlight: sob a luz do luar*. O filme foi lançado em 2017, tem 111 minutos e foi dirigido por Barry Jenkins. Encaixado sob a categoria Drama, a obra conta a história de um menino negro que convive com uma

mãe que é dependente química e a narrativa inicia em um momento que ele se encontra com Juan, o líder do tráfico na região e Tereza, a namorada dele.

O personagem de Chiron é conhecido em três representações diferentes que localizam essa identidade negra homossexual na obra cinematográfica: *Little* ou pequeno, em que visivelmente seu corpo é alongado, delicado e magro, fazendo contraste aos meninos de sua sala e escola que são grandes, fortes, pesados e movimentam-se num processo de rejeição a imagem do garoto.

O contato de Chiron e Juan, o líder do tráfico da região, acontece em uma cena que o menino foge de um ataque direto contra ele. Um grupo de meninos maiores e mais fortes persegue e grita que vão pegar o veado se referindo ao protagonista da obra. O pequeno se esconde em um lugar abandonado em que se depara com elementos como uma seringa com manchas do que parece ser sangue.

Juan retira-o do lugar e o chama para comer algo. O menino não fala. Por vezes, o homem negro, forte, grande e gentil tenta, brincando com Chiron, saber seu nome, onde mora e outras informações. O líder do tráfico leva-o para casa e, em uma tentativa deliberada pela masculinidade, inscreve a namorada no diálogo como alguém que vai fazê-lo falar.

Tereza é introduzida nessa relação de modo a representar uma outra figura da feminilidade negra que será contraposta a figura da mãe de Chiron. Figuras femininas centrais, Tereza e a mãe representam dois traços estereotipados do feminino: a cuidadora e a megera. A masculinidade de Chiron fica inscrita entre essas feminilidades, bem como outros homens como Juan, Kevin, Tarell e outros personagens vão experimentar uma lógica de aproximação e distanciamento desses polos.

A posição do masculino e do feminino segue nas lógicas sociais um padrão binário de oposição/complementação dos modos de ser, estar e agir. Assim, uma expressão dessa lógica inscreve a masculinidade e a feminilidade em padrões fixos que são estereotipados. Partes dessas representações orientam um endereçamento acerca do que deve ser um menino e/ou um homem por meio de uma perspectiva pedagógica das identidades de gênero.

Oliveira (2017) inscreve acerca de marcas de gênero, raça e sexualidade que investem sobre afeminados, viados e bichas pretas em suas relações com a escola e

a educação. Tratando sobre as experiências educacionais dessas masculinidades negras periféricas, a pesquisadora analisa como racismo, homofobia e machismo inscrevem uma lógica acerca dos corpos negros machos que não se inscrevem no discurso do masculino hegemônico que é heterossexual, viril e branco.

Assim, os meninos negros como o pequeno Chiron são capturados por uma pedagogia da masculinidade inscrita em lógicas racistas, homofóbicas e machistas que instituem modos de ser e de agir. Entretanto, Oliveira (2017, p. 177) problematiza que esta lógica de poder é também espaço de disputa. “O racismo e a homofobia se interseccionam e continuam operando sobre as existências de gays afeminados, viados e bichas pretas como dispositivos de poder. Mas, como propõe Foucault, onde há poder há resistências. Há existências”.

As pedagogias das masculinidades negras que envolvem o pequeno Chiron estão nesses embates entre os processos de normalização que aparecem entre os meninos da escola e na mãe que marcam uma lógica normativa sobre suas formas de ser e de agir. Ao mesmo tempo, o aparecimento de Juan como um masculino negro normalizado não reincide neste discurso, mas abre espaços para outras possibilidades.

Em um diálogo sobre suas relações que o líder do tráfico teve com uma senhora que disse que o chamaria de azul, porque sob a luz da lua sua pele negra era azulada. Pequeno pergunta se o nome dele era azul. Juan diz pra ele que existe um momento em que se deve escolher o que se deve ser. Ele diz que não é completa. “Não deixe ninguém tomar essa decisão por você” (MOONLIGHT, 2017).

Assim, a masculinidade em corpos negros é representada por uma lógica que faz parte do sistema de valores de representações hegemônicas e subalternas do homem. Kimmel (1998), Connel e Messerschmidt (2013, p. 245) localizam a noção de uma masculinidade hegemônica como explicam que essa representação hegemônica é parte de um “padrão de práticas” que localizam modos de exploração e dominação entre homens e mulheres. Essa representação também ressoa em outros homens cissexuais, transexuais, heterossexuais, homossexuais, negros, pardos, latinos, asiáticos, indígenas, dos países periféricos, do Sul, etc.

A lógica de dominação e exploração é o que inscreve uma pedagogia da masculinidade que corrobora para o apagamento de problematizações acerca dos

privilégios e que como trata Oliveira (2017) é possível compreender na confluência da interseccionalidade que existe um modo de proteção de determinados corpos que compactua com a agressão aos outros modos de ser.

A invisibilidade é um privilégio em dois sentidos – tanto descrevendo as relações de poder que são mantidas pela própria dinâmica da invisibilidade, quanto no sentido de privilégio como um luxo. É um luxo que somente pessoas brancas em nossa sociedade não pensem sobre raça a cada minuto de suas vidas. É um luxo que somente homens em nossa sociedade façam de conta que o gênero não importa (KIMMEL, 1998, p. 106).

O pequeno Chiron é representado nessa ordem discursiva como um corpo que é avaliado, analisado, explorado, controlado e ensinado por esse sistema de representações que inscrevem a exclusão, a interdição e reverberação de discursos (FOUCAULT, 2009). Pequeno representa, nos modos de endereçamento, o lugar daquele que não está correto, do que é perseguido, agredido e deve ser corrigido. O corpo, os modos, os sentidos e suas significações esquadriham uma busca por desvios. Chiron é pequeno e a rigidez da representação de masculinidade pesa sobre seus ombros.

Essa representação é inscrita em um diálogo entre Juan e o pequeno após a mãe ter sido confrontada pelo líder do tráfico. Chiron chega na casa do líder do tráfico e de Tereza e ao entrar na sala, é anunciado como o namorado da moça. Inscrição de uma heteronormatividade que está presente nos jogos discursivos e na normalização dos corpos e que cobra uma representação que incide sobre as crianças uma normalização da heterossexualidade. A heteronorma é um modo de construção das descrições da realidade que parte do pressuposto de que a heterossexualidade é natural, logo, o oposto, que em nossa sociedade é compreendida a homossexualidade, é um desvio (WITTIG, 1980). Entretanto, as homossexualidades são modos de ser que precisam ser problematizados porque eles podem ser aderidos a heteronorma por meio do discurso, tal como discute Foucault (2009), seja pela interdição ou pela exclusão.

Chiron pergunta o que é uma bicha. Juan diz que “bicha é uma palavra usada para magoar os gays”. Chiron, então, pergunta: “Eu sou uma bicha?”. Juan fica irritado, mas tenta se controlar: “não, não. Você pode ser gay, mas não pode deixar

ninguém chamar você de bicha. Quer dizer [...]. O olhar do homem cruza com o de Tereza que balança a cabeça negativamente. Pequeno pergunta como faz para saber se é gay. Juan responde que ele apenas saberá. Tereza diz que na hora certa ele saberá. A bicha é uma figura monstruosa (TAKARA, 2017).

Zamboni (2016), Oliveira (2017) e Takara (2017) apontam a figura da bicha no campo da Educação e as problematizações possíveis acerca dessa representação da feminilidade em corpos machos que aciona as lógicas machistas, misóginas e homofóbicas que produzem sentidos e agem sobre os corpos e as subjetividades. A bicha é uma figura pedagógica que inscreve o sujeito em uma fuga dessa monstruosidade que ocupa as bordas da masculinidade e diz dos riscos e perigos de não cumprir com os padrões masculinos representados socialmente como corretos.

O diálogo continua em outra direção. Chiron quer saber se Juan vende drogas, ele responde afirmativamente. O menino pergunta se a mãe dele usa. Juan afirma e começa a chorar. O menino levanta-se e sai da casa. Neste momento, temos Juan, uma masculinidade negra representada de modo cuidadoso e responsável.

Quem defende o direito das crianças diferentes? Os direitos do menino que adora se vestir de rosa? Da menina que sonha em se casar com a sua melhor amiga? Os direitos da criança queer, bicha, sapatão, transexual ou transgênero? Quem defende o direito da criança a mudar de gênero, se for da vontade dela? Os direitos das crianças à livre autodeterminação de gênero e de sexualidade? **Quem defende os direitos da criança a crescer num mundo sem violência sexual ou de gênero?** (PRECIADO, 2013, s/p, grifos meus).

A construção de um olhar sobre as sexualidades e as identidades masculinas negras precisa ser problematizada com o cuidado de alinhar a preocupação da defesa dos direitos da criança que está nessas condições. Moonlight (2017) se inscreve em uma dinâmica interessante por nos permitir pensar como a lógica da masculinidade negra é apresentada e imposta sobre o corpo e as práticas de Chiron. Em outro sentido, o menino nos permite reconhecer como as pedagogias da masculinidade negra inscrevem modos de representação que são endereçados para a leitura social do que a negritude, a masculinidade e a homossexualidade representam.

Compreender esses elementos que educam a masculinidade e endereçam os modos de compreender como a homossexualidade e a negritude interseccionam para problematizar os lugares de Chiron, o texto inscreve as experiências sexuais que

apresentam no filme modos de endereçamento acerca dos corpos negros nas dinâmicas da infância, juventude e vida adulta. A compreensão de um endereçamento que discursivamente constrói um modo de representar também sugere como a sexualidade sofre incidências da masculinidade hegemônica.

Outras análises ainda são relevantes acerca deste artefato cultural nos modos como a infância e a adolescência negras são compreendidas e outras possibilidades de problematizar os corpos e as subjetividades. Assim, é necessário discutir as possibilidades de inscrição da educação contemporânea em representações midiáticas. Assim, nosso foco está centrado na dimensão de sexualidade e da identidade de gênero, mas reconhecendo que o recorte não invisibiliza a complexidade das relações representadas na obra, mas do foco e escopo que é objetivo em um artigo.

Chiron e o Olhar sobre a Sexualidade

O protagonista tem quatro contatos com a experiência sexual que endereçam modos de pensar acerca da sexualidade: a disputa do tamanho dos pênis entre os meninos na escola, o sonho com Kevin fazendo sexo com uma menina, influenciado pela narrativa do amigo acerca de uma relação sexual que ocorreu na escola, a masturbação que Kevin realiza em Chiron e o sonho com o amigo depois da ligação que ele recebe que o faz acordar com a cueca molhada do gozo.

As cenas tratam da dimensão sexual acerca dos corpos de homens negros em diferentes idades. A masculinidade tem uma relação direta com a sexualidade e com a permissão e o incentivo para uma vida sexual. Além disso, as disputas entre os meninos fazem parte da própria lógica competitiva que a masculinidade hegemônica oferece como uma dimensão do agir masculino heterossexual.

Escondidos do olhar das mulheres e dos homens de outras gerações, os pequenos homens se iniciam mutuamente nos jogos do erotismo. Eles utilizam para isso estratégias e perguntas (o tamanho do pênis, as capacidades sexuais) legadas pelas gerações precedentes. Eles aprendem e reproduzem os mesmos modelos sexuais, tanto pela

forma de aproximação quanto pela forma de expressão do desejo (WELZER-LANG, 2001, p. 462).

A sexualidade masculina hegemônica inscrita em uma pedagogia dos modos de ser homem estereotipam as possibilidades de ser e agir. Assim, o sexo passa a ser um *script* a ser cumprido. O sistema pornográfico e as lógicas sexuais são resultados dessa dimensão competitiva que centraliza a dimensão dos corpos femininos como objetos/sujeitas que incorporam as fantasias sexuais masculinas. Ao mesmo tempo, tal como explica Despentes (2016), as masculinidades hegemônicas inventam o papel da atriz pornô como uma ação da masculinidade, entretanto, para além do estereótipo de masculino que educa corpos como Chiron e os amigos, existem outros modos de ser homem que não cumprem com essas masculinidades.

[...] mas também escrevo para os homens que não sentem vontade de serem protetores, para os que gostariam de sê-lo mas não sabem como, para os que não entram em disputas, os que choramingam à vontade, os que não são ambiciosos ou competitivos nem são bem dotados ou agressivos, para os que têm medo, os tímidos, os vulneráveis, os que preferem cuidar da casa a sair para trabalhar, os que são delicados, carecas, muito pobres para reclamar, para os que têm vontade de dar o cu, os que não querem que a gente conte com eles, aqueles que de noite, sozinhos, têm medo (DESPENTES, 2016, p. 10).

A masculinidade não é nada além de uma ficção que inscreve nos corpos os modos de representar e gera, assim, nesta estratégia discursiva e endereçada nos veículos de comunicação e artefatos culturais as lógicas de poder que devem ser problematizadas (PRECIADO, 2018). Assim, a representação de Chiron com relação ao sexo oferece outros modos de pensar a sexualidade.

Chiron não é convidado para participar inicialmente da competição entre os meninos, mas Kevin aceita-o e ele compõe o grupo de meninos que estão escondidos verificando os tamanhos dos pênis deles. A próxima aparição de Kevin, na adolescência dizendo sobre o ato sexual com uma moça na escada cria uma fantasia para o sonho do não mais pequeno Chiron (MOONLIGHT, 2017).

O sonho traz Kevin fazendo sexo com uma moça que não é identificada e sorri para Chiron. Neste momento, percebe-se que existe uma relação afetiva entre os dois e que o adolescente tem interesse no amigo. Essa relação é marcada no próximo

encontro que se dá na mesma praia em que Juan levou Chiron pra nadar. Os amigos tratam da relação da brisa com o corpo, de sentimento e os corpos se tocam em um beijo (MOONLIGHT, 2017).

Chiron fica sem reação e Kevin abre sua cinta e sua calça e o masturba. O não mais pequeno encosta a cabeça no ombro do amigo. Após o gozo, Kevin leva Chiron até sua casa e ao se cumprimentarem dando as mãos, o protagonista deixa seus olhos sobre a mão que o tocou. Todo momento no caminho que ele faz até sua casa, o adolescente vira a cabeça e olha para o carro. Essa relação é afetiva e complexa (MOONLIGHT, 2017).

Assim, o próximo encontro entre eles dá-se quando um dos agressores que sempre ataca Chiron desafia Kevin a bater no amigo. A cena se dá com a repetitiva cobrança do agressor que depois de ver Chiron no chão, chuta-o junto com outros rapazes. O corpo negro delicado do adolescente serve de expiação para uma masculinidade violenta que cobra um tipo de representação (MOONLIGHT, 2017).

As masculinidades que operam na lógica hegemônica dependem de uma subalternidade com as representações que são hierarquizadas por esse discurso. Assim, é central na lógica de opressão que é os homens hegemônicos demonstram “[...] a sua aquisição bem sucedida de masculinidade era através da desvalorização de outras formas de masculinidade, posicionando o hegemônico por oposição ao subalterno, na criação do outro” (KIMMEL, 1998, p.113).

Os afeminados, viados e bichas pretas, tal como registra Oliveira (2017) são produtos de um discurso que abre espaços nas subalternidades e geram outros modos de ser. O enfrentamento e as possibilidades de construção de modos de ser e agir são também marcados por representações diferentes dos outros e de si. Nessas dinâmicas acerca dos modos de compreender-se sujeito, Chiron opta por reforçar um estereótipo da masculinidade: musculosa, tributária de uma lógica de violência como o tráfico, potente em um carro barulhento e de música alta.

Black é uma representação bem sucedida em relação à escolha de uma masculinidade mais central que o pequeno Chiron. É importante problematizar o termo escolha porque as possibilidades de inscrição e sobrevivência nos modos de ser e agir também nos orientam e as condições de vida para as homossexualidades e as

masculinidades subalternas são tuteladas de modo diferentes às condições de privilégio que a heterossexualidade masculina hegemônica possui.

Black, Eric e as Possibilidades de Fazer-se

“Não olha pra mim”, grita a mãe para o pequeno Chiron que acorda como um homem musculoso, másculo e que se aproxima de uma representação masculina diferente do pequeno que era seu princípio na narrativa (MOONLIGHT, 2017). A construção da masculinidade em uma lógica coerente com a hegemônica é uma das formas de sobreviver ao sistema de representações que na ordem do discurso estruturam um modo de ser que permite agir socialmente.

O que o meu pai e minha mãe protegiam não eram os meus direitos de criança, mas as normas sexuais e de gênero que dolorosamente eles mesmos tinham internalizado, através de um sistema educativo e social que castigava todas as formas de dissidência com a ameaça, a intimidação, o castigo, e a morte. Eu tinha um pai e uma mãe, mas nenhum dos dois pôde proteger o meu direito à livre autodeterminação de gênero e sexualidade (PRECIADO, 2013, s/p.).

Não olhar para a mãe é um modo de compreender a solidão que se instala para aqueles que a norma não abraça. A rejeição do outro e de si mesmo gera em nós um movimento em busca de proteção e de conquista de direitos. A possibilidade encontrada em Chiron foi a captura do sistema biopolítico que produz o corpo masculino, másculo, musculoso e que participa de uma função social e econômica violenta como o tráfico. A proteção veio pela simulação de uma masculinidade próxima a hegemonia.

Black mostra intimidade com o carro de ronco alto e com um revólver. A figura de participante do tráfico também o coloca em uma prática discursiva que desafia outros masculinos como o jovem que aparece com ele em um diálogo sobre a quantidade correta de dinheiro que deveria ter da ação feita anteriormente. Desafiando o rapaz, Black inscreve uma ação de demonstração de poder que vira riso, brincadeira e confirma a posição dominadora que ele ocupa.

Recebemos do lugar endereçado pelo filme que o respeito dá-se pelo lugar que se ocupa na distância da norma. O mais próximo do reproduzido é o que assegura

uma lógica de poder. Poder que não o abraça social e culturalmente porque ao ser perguntado por uma possível parceira ou mesmo a relação com a mãe mostram a dificuldade de interação de Black com outras pessoas. A homossexualidade velada ainda assim mantém a solidão que lhe é característica pelo sistema hegemônico de poder e amplamente divulgada em filmes com personagens homossexuais.

Essa solidão só é possível de ser apagada se, de acordo com a heteronorma se realiza uma dinâmica social e sexual centrada na interação entre duas pessoas sob a narrativa do amor. Essa lógica será construída com o aparecimento de Kevin por meio de uma ligação que retorna Black às lembranças de Chiron. O homem acorda com a cueca molhada resultado de uma poluição noturna por ter sonhado com o amigo da adolescência.

Assim, a narrativa nos endereça uma possibilidade de companhia que primeiro é tutelada por uma representação de amor que retoma o papel de primeiro amor comum ao sistema monogâmico e heterossexual que estrutura uma possibilidade de ser e de agir em nossa sociedade. O amigo nesta ligação que diz ter saudade e convida-o para um jantar afirma que ele sempre representou uma discordância da normalidade. “Chiron e confusão sempre andaram juntos” (MOONLIGHT, 2017).

Assim, Black antes de ir ver o antigo amigo Kevin, encontra-se com a mãe que lhe dedica um momento de amor que não precisa ser retribuído, retomando o ideal de amor materno que é distante e quase toda a narrativa manteve ausente, mas que a norma exige que seja reprogramado e posicionado. O endereçamento de uma lógica feminina com a proposição do papel de cuidadora se mantém quando a mãe cobra que ele saia do tráfico porque ela pensa na segurança dele. Essa lógica retoma uma posição binária masculina-feminina e uma dimensão de maternidade que precisa sempre ser adorada e santificada.

Black, então, chora e reconcilia-se com a mãe de algum modo. A cena os coloca em uma dimensão de reencontro que durante toda a obra fica distante. O menino problemático agora representado homem mais próximo da masculinidade hegemônica tem direito de ter uma mãe zelosa, diferente do menino afeminado que era chacota para àquela que se faz cuidadora neste momento da narrativa.

Assim, o endereçamento corrige posições que são coerentes com uma masculinidade hegemônica com a representação da mãe e do amor que aparece na

figura do amigo de infância. Ao reencontrar Kevin, agora cozinheiro e tentando cuidar de um filho pequeno que teve com uma moça do colégio, Black é questionado pelo amigo que não o imaginava nessa posição como traficante.

As cenas mostram um afeto encantado entre os personagens que, de certo modo, enlaçam um final que os coloca na casa de Kevin e que é coroado pela frase de Black para Kevin que reconhece como o amor entre os dois era algo diferente. “Você foi o único homem que tocou em mim. E eu nunca toquei ninguém depois” (MOONLIGHT, 2017). A construção dessa lógica discursiva inscreve, novamente, uma dimensão monogâmica que posiciona os personagens em uma história de amor heteronormativa.

Diferente dos meninos afeminados, dos viados e das bichas pretas que são representados como promíscuos, selvagens e sexualmente predadores que atacam o masculino heterossexual hegemônico, como as narrativas pornográficas localizam essas identidades de gênero e sexuais, existe na relação entre Chiron e Kevin um amor virginal e puro. “Os homens gays são bichinhas passivas e efeminadas assim como são sexualmente insaciáveis e predatórios” (KIMMEL, 1998, p. 116).

Desse modo, uma masculinidade corrigida, uma mãe zelosa e um amor monogâmico parecem coroar a decisão que Juan, o líder do tráfico que encontrou o pequeno Chiron disse que ele deveria fazer por si. Assim, também, o endereçamento da narrativa nos oferece uma escolha de final feliz para a narrativa sobre a homossexualidade possível de um menino negro afeminado. O filme termina com o menino dentro do mar, sob a luz do luar olhando para nós sobre os ombros.

O endereçamento da obra coloca pontos que são necessários problematizarmos em diferentes condições e possibilidades. A ideia de que a obra não termina com a morte do protagonista ou mesmo da solidão, como as outras obras cinematográficas do início do século XXI marca que existem outras possibilidades para a vida homossexual. Entretanto, essas são tuteladas por um padrão de normalidade: emascular-se, ser monogâmico, viver de acordo com o padrão oferecido pela sociedade.

Desafiar as construções rígidas do gênero e das formações calcificadas da sexualidade só é possível mediante a uma proliferação viral, mas ao mesmo tempo por meio de uma sobrevivência

bacteriana. Em cada frente, em cada espaço. Meu corpo: o corpo da multidão (PRECIADO, 2018, p. 263).

É necessária a problematização destes discursos pelos endereçamentos que eles nos oferecem na construção da obra. O filme, obviamente, tem posições que nos localizam como sujeitos diante de um artefato midiático cultural que é produzido nas dinâmicas e ordens contemporâneas do discurso. Entretanto, a felicidade e/ou o entendimento de vida existe tutelado pelo cumprimento de padrões normalizados de sexo, gênero e sexualidade.

Assim, o endereçamento aparente na obra é que ao cumprirmos com as condições da masculinidade, somos contemplados com o zelo da família, a possibilidade de um amor romântico e a condição de uma vida diferente do que ocorreu no início das trajetórias de meninos afeminados. É necessário questionar essa decisão dita por Juan para Chiron. Meninas e meninos cis e trans não conformados aos sistemas sexo, gênero, sexualidade são ensinados que existe uma decisão que pode fazê-los chegar ao cuidado e ao amor se eles forem normalizados. Isso é escolha?

Os não-conformados ao sistema dessa masculinidade hegemônica ou mesmo da lógica monogâmica são relegados a que formas de representação e possibilidade? Assim, a questão levantada por Preciado (2013) continua: quem defende a criança *queer*? As possibilidades de ser e agir são também inscritas por um discurso midiático e posicionadas nos artefatos culturais contemporâneos. Somos ensinados por Moonlight (2017) que se formos parecidos com os homens heterossexuais, másculos e monogâmicos, seremos queridos e poderemos amar.

É relevante que outras discussões que possam oferecer outras formas de ler este artefato midiático. Um exemplo é o recorte de classes relevante para problematizar como um menino negro, pobre e periférico que tem uma mãe dependente química e que teve que ocupar determinados padrões para proteger-se. Entretanto, outras narrativas também são possíveis. Existem figuras de diferentes grupos que podem orientar outros modos de problematizar como a masculinidade hegemônica e a heteronormatividade são discursos ordenadores e construtores de lógicas de ser e de agir. Madame Satã era temida. Ser amado é apenas para aqueles que preenchem os requisitos da normalidade. É necessária a crítica.

Em outras possibilidades, temos diferentes artefatos que confluem diferentes lógicas como o seriado lançado no ano de 2018, *Sex Education*, que apresenta um personagem negro, gay e afeminado: Eric Effiong. Complexo e problematizador, Eric utiliza maquiagem, roupas coloridas e mostra, em momentos da obra, que a ideia de uma escolha por representar uma masculinidade hegemônica o afasta dos modos como pensa e sente o mundo.

Privilegiado por tais condições, Eric endereça outra possibilidade para discutir a feminilidade em corpos negros masculinizados ao expor outra posição de ser homem negro nos artefatos midiáticos contemporâneos. Assim, tensionando as dinâmicas políticas, sociais e culturais, Eric é narrado e endereça outros modos que não se inserem no padrão ofertado por Chiron.

Essa discussão não pretende dizer que uma representação é apenas positiva e outra é somente negativa. A ideia é que essas personagens abrem outras possibilidades de pedagogias midiáticas que incidem sobre os corpos e as subjetividades e oferecem diferentes percepções e representações sobre masculinidades homossexuais negras.

Vislumbrar os modos de endereçamento dessas representações sobre a negritude masculina homossexual é problematizar as mídias como educadoras de diferentes subjetividades e corpos. A educação sobre elementos identitários, de gênero, raça e sexualidade permitem problematizar outros modos. Chiron demonstra uma escolha possível para a sua coragem: emascula-se.

Diferentemente, o pai de Eric grita com um motorista que buzina exigindo que ele tire o carro do caminho porque ele saiu para dialogar com o filho sobre a necessidade do adolescente de sair maquiado e usando roupas exuberantes. Ao ver que teve coragem de responder o exaltado motorista, ele diz ao filho que está respondendo de forma corajosa. “Estou aprendendo com o meu filho corajoso” (*SEX EDUCATION*, 2019). Assim, não existe um modo de ser corajoso ou corajosa. Oliveira (2017, p. 177) cita Foucault para dizer que a resistência permite outras de ser. “Existências”. São essas posições-de-sujeito que permitem outras representações e criam fugas e batalhas. Elas nos educam para a coragem. Sejamos corajosos.

CONSIDERAÇÕES

Este texto discutiu os modos de endereçamento apresentados pelo filme *Moonlight – sob a luz do luar* (2017) por meio das três representações do protagonista como pequeno, Chiron e Black e o modo como a obra cinematográfica nos apresenta. Analisamos a construção de uma lógica hegemônica e normalizadora das representações de masculinidades negras que são localizadas como possibilidades que devem ser orientadas pela representação de homem heterossexual hegemônico que inscrevem os endereçamentos dos discursos.

O objetivo de investigar esses modos de representar foi alcançado e problematizou-se, assim, como a lógica fílmica foi endereçada para uma normalização que se configura acesso a condições privilegiadas de ser que se apresentam por meio de uma família que agrega e cuida e uma relação monogâmica encarada como amor que se realiza.

Assim, problematizamos as possibilidades de orientarmos uma representação e criarmos uma lógica que educa para uma masculinidade que segrega outros modos de ser. Ao invés de seguirmos esse ideal homofóbico, racista e machista, apresentamos críticas e indicamos outra possibilidade por meio de uma personagem que destoa da representação de masculinidade hegemônica e também é localizada como corajosa por não se conformar. Assim, problematiza-se que as identidades e culturas representadas na mídia devem ofertar diferentes modos de endereçamento e dar condições de problematização de ideais homogêneos e hegemônicos que centralizam a raça, a sexualidade, a representação e as identidades de gênero em ideais a serem conformados.

Em outro sentido, ao não ofertar problematizações acerca dos discursos midiáticos que orientam e endereçam representações fixas acerca de masculinidades negras hegemônicas, é imprescindível que a prática docente e as problematizações ensinem a questionar os interesses e os benefícios que aparentemente obra oferece para aqueles que estão normalizados pela regra. Se a crítica não está no produto midiático, é necessário que nosso olhar aprenda a interrogar a falta de pluralidade que os discursos midiáticos endereçam para nós.

REFERÊNCIAS

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**. v. 21. n. 1. Florianópolis: UFSC, 2013. p. 241-282).

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. Trad. Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e Educação da mulher: Uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Estudos Feministas**. n. 2. Florianópolis: UFSC, 2001. Acesso em: 24 de abril de 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8642.pdf>. p. 586-599.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

KIMMEL, Michael S. A Produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**. Ano 4. n. 9. Porto Alegre/RS, 1998. p.103-117.

MOONLIGHT: sob a luz do luar. Direção: Barry Jenkins. Produção: Adele Romanski, Dede Gardner e Jeremy Kleiner. Roteiro: Barry Jenkins e Tarell Alvin McCraney. Produzido por A24. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uPYMXmmlLAI>. Acesso: 23 mar. 2019.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Tese. Doutorado em Educação: UFPR, Curitiba, 2017.

PRECIADO, [Paul] Beatriz. **Quem defende a criança queer?** Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/fer-nanda/quem-defende-a-crian%C3%A7a-queer-beatriz-preciado/10151417997751125> Acesso em: 17/01/2013.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo Junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era formacopornográfica. trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SEX EDUCATION. Direção: Bem Taylor e Kate Herron. Produção: Jamie Campbell, Joel Wilson e Jon Jennings. Roteiro: Freddy Syborn, Laura Hunter, Laura Neal, Laurie Nunn e Sophie Goodhart. Netflix, 2018.

TAKARA, Samilo. **Uma pedagogia bicha**: homofobia, jornalismo e educação. Tese. Doutorado em Educação: UEM, Maringá, 2017.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2018. (460-482).

WITTIG, Monique. **O pensamento heterossexual**. *O pensamento hétero*. 1980. Disponível em: <<http://www.mulheresrebeldes.org/>>. Acesso em: 20/01/2018.

ZAMBONI, Jésio. **Educação Bicha**: uma a(na[!])rqueologia da diversidade sexual. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. UFES, Vitória, 2016.

Notas sobre o autor: Professor do Departamento de Educação do *Campus* Rolim de Moura da Fundação Universidade Federal de Rondônia. Pós-doutorando em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR). Doutor e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR (Unicentro/PR). Pesquisa em Educação, Mídias, Estudos Culturais, Sexualidades, Identidade de Gênero, teorizações foucaultianas, pornografia, percepção e sentido.